



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

HELLOYSE ALVES DOS SANTOS VILLAR

**PROGRAMA ARCA DAS LETRAS NA COMUNIDADE FREI
ANASTÁCIO, CONDE-PB: um instrumento de incentivo à leitura em
comunidades rurais**

**JOÃO PESSOA
2012**

HELLOYSE ALVES DOS SANTOS VILLAR

**PROGRAMA ARCA DAS LETRAS NA COMUNIDADE FREI
ANASTÁCIO, CONDE-PB: um instrumento de incentivo à leitura em
comunidades rurais.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gisele Rocha
Cortês

**JOÃO PESSOA
2012**

V719p

Villar, Helloyse Alves dos Santos.

Programa arca das letras na comunidade Frei Anastácio, Conde-PB: um instrumento de incentivo à leitura em comunidades rurais. / Helloyse Alves dos Santos Villar. - João Pessoa: UFPB, 2012.

60 f. il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gisele Rocha Cortes.
Monografia (Graduação) – UFPB/CCSA.

1. Acesso à leitura. 2. Programa Arca das Letras. 3. Biblioteca rural.

BS/CCSA/UFPB

CDU:

HELLOYSE ALVES DOS SANTOS VILLAR

PROGRAMA ARCA DAS LETRAS NA COMUNIDADE FREI
ANASTÁCIO, CONDE-PB: um instrumento de incentivo à leitura em
comunidades rurais

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Biblioteconomia, da
Universidade Federal da Paraíba, em
cumprimento às exigências para obtenção do
grau de Bacharel.

Aprovada em: ____/____/____.

Profa. Dra. Gisele Rocha Cortes (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Ms. Patrícia Maria da Silva
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Ms. Alba Ligia de Almeida Silva
Universidade Federal da Paraíba

*Dedico este trabalho a minha bisavó, minha avó,
minha mãe que são o alicerce da minha vida, e a
minha filha que é a esperança da nossa essência
se propagar. Juntas somos cinco gerações de
mulheres guerreiras e fortes.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer imensamente a Deus, por tudo na minha vida e pela saúde mental, física e emocional que me concedeu para que eu iniciasse esse curso e agora tão alegremente finalizasse.

Agradeço a minha mãe por ter confiado em mim, apesar de eu ter feito o caminho inverso de todos os jovens e adolescentes, ou seja, estudar, se formar casar e ter filhos. No meu caso tive filho, casei e só depois consegui estudar e lhe dar essa alegria! Mãe te amo tanto que nem cabe em mim!! Perdoe-me se não ouvi seus conselhos tão valiosos. Ah, se os jovens soubessem o valor dos conselhos e da experiência dos pais.

Agradeço aos meus irmãos Jonathan e Auda Cristhina pelo companheirismo e fraternidade, sempre presentes com muita alegria e descontração em minha vida.

Ao meu pai agradeço a lição mais recente, aprendida a duras penas, que é silenciar mesmo quando se tem razão, não existem argumentos quando na conversa permanecem pessoas inflexíveis e radicais.

Agradeço a minha bisavó (Madinha) e a minha avó (Mãe Ana) pela alegria que transparece em saber que a neta está se formando mesmo sem saber o que é Biblioteconomia.

Muito Obrigada Otto e Bianca! Se dependesse das reclamações de vocês todos os dias, querendo atenção (Bianca) e preocupado com a minha segurança na hora da chegada toda noite (Otto) eu já teria abandonado esse curso, mas só para contrariar eu insisti! Eu sou muito persistente! Das adversidades construí minha vitória! Devo isso a vocês também!

Agradeço enormemente aos meus colegas de trabalho, a Extensionista Ivanalda Dantas pelo apoio, e os Extensionistas no município do Conde-PB, Kelly e Juscelino,

pela articulação com a comunidade, pela disponibilidade em me acompanhar nas visitas ao Assentamento.

Agradeço a todos os Professores do Curso de Biblioteconomia, aos que tive a oportunidade de ser aluna todo o meu apreço e carinho, com os que apenas convivi em meio aos corredores agradeço também, pois de alguma forma o conhecimento chegou mesmo que indiretamente. Não cito cada um para não cometer o pecado de esquecer alguém.

Agradeço em especial à Professora Dr^a Gisele, por ter aceitado caminhar comigo sem nem me conhecer, pela paciência, pelo zelo e dedicação na orientação desse TCC.

A turma 2007.1 do curso de Biblioteconomia todo o meu carinho, pois, iniciamos com mais de 30 colegas, a sala nem dava, uns seguiram outros caminhos, os que continuaram comigo até o 9º período: Enelúcia, Janienne, Ivonete, Elem, Fabíola, Janiele, Robéria, Canmery, Junio, Edcleyton, Felipe, Geniele, Arienne, Samara, David, Fernanda, Kedna, Eliane, Janine, Marta, carregarei cada um na minha memória, mantenho ótimas lembranças de todos.

Aos meus irmãos escolhidos Edilson, Dayana, Ediene, Daiana e Estela, agradeço do fundo do meu coração cada risada, cada perrengue, cada parte, cada trabalho ensaiado (e não ensaiado também, “Lenequitépá!”), cada vitória, cada sacudida! Obrigada pelo companheirismo, pelas conversas, pelos desabafos, pelo carinho e pela compreensão. Vocês são maravilhosos!!

Estela, agradeço em especial toda sua atenção e amizade nos momentos do estágio, do TCC, de dúvida, de incentivo e da vida.

Edilson, como vou agradecer com palavras sua atenção nos momentos de maior aporreio? Você é um irmão querido, muito obrigada!

Dalvinha muito obrigada pela sua amizade, companheirismo no ambiente de trabalho e pela sua colaboração nesse TCC.

*“Aos esfarrapados do mundo
E aos que neles se
Descobrem e, assim
Descobrimo-se, com eles
Sofrem, mas, sobretudo,
Com eles lutam.”.*

Paulo Freire

RESUMO

O acesso à leitura é uma circunstância que deve ser considerada a toda a população como forma de cidadania. No campo, existem poucas ações que beneficiam a comunidade com o acesso à leitura e ao conhecimento. Nesta direção, neste trabalho, analisamos o processo de leitura na comunidade rural Assentamento Frei Anastácio, localizado no município do Conde-PB, pois o mesmo possui o Programa Arca das Letras, que leva bibliotecas à população das comunidades rurais. Essas bibliotecas permanecem na comunidade na casa de um residente, acessível a todos/as, onde o agente de leitura, de maneira voluntária, se responsabiliza pelos processos de empréstimo e manutenção do móvel. A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória de natureza quantitativa e qualitativa, nas quais foram aplicados questionários para os usuários e entrevistas para os Agentes de Leitura, para verificar o funcionamento, a frequência e as práticas de leitura dos mesmos. Conclui-se que o programa Arca das Letras, tem sido implantado de forma organizada e participativa, porém não tem sido monitorado. A biblioteca rural estimula o acesso aos livros e à prática da leitura, contudo, foi observado apenas a participação e frequência das crianças; os adultos não despertaram ainda para a importância da leitura. Outro ponto observado na pesquisa é que a biblioteca está precisando de atualização do seu acervo para que as crianças voltem a frequentá-la assiduamente.

Palavras-Chave: Acesso à leitura. Programa Arca das Letras. Biblioteca rural.

ABSTRACT

The access to reading is a condition which should be considered for the entire population as a way of citizenship. In the field, there are few actions that benefit the community with access to reading and knowledge. In this direction, this study analyzed the reading process in the rural community Frei Anastácio's Settlement, located in the city of Conde-PB, because it possesses the Arca das Letras Program, which leads libraries to the people in rural communities. These libraries remain in the home of a community resident, accessible to all people, where the Agent of Reading, in a voluntary manner, is responsible for the loan processes and the maintenance of the mobile. The methodology used was the exploratory research of quantitative and qualitative nature, in which there were applied surveys to the users and interviews to Agents of Reading, to check the functioning, the frequency and the practice of reading of them. We conclude that the Arca das Letras program, has been deployed in an orderly and participatory way, but has not been monitored. The countryside library stimulates access to books and the practice of reading, however, it was observed only the participation and attendance of children, the adults have not yet awakened to the importance of reading. Another issue observed in the research is that the library needs to update their collections so that children come back to the library assiduously.

.

Keywords: Access to reading. Program Arca das Letras. Countryside Library.

LISTA DE SIGLAS

AELER	Associação Educativa Livro em Roda
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CI	Ciência da Informação
CMDRS	Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMATER-PB	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba
EMEFJCS	Escola Municipal de Ensino Fundamental José Cosmo de Santana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST	Movimento dos Sem-Terra
ONG's	Organizações Não Governamentais
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
STR	Sindicatos dos Trabalhadores Rurais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVO GERAL	12
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
1.3	JUSTIFICATIVA	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	RURALIDADE E SUAS CARACTERÍSTICAS	14
2.2	REFORMA AGRÁRIA E OS ASSENTAMENTOS	19
2.2.1	Reforma Agrária	19
2.2.2	Os Assentamentos	21
2.3	EDUCAÇÃO NO CAMPO	22
2.4	LEITURA	25
2.4.1	Importância da leitura	27
2.4.2	O acesso à leitura no campo	28
2.4.3	Biblioteca comunitária e/ou alternativa e a leitura como prática social	29
2.5	O PROGRAMA ARCA DAS LETRAS	31
2.5.1	Resgate histórico	31
2.5.2	Estrutura e funcionamento	33
2.5.3	O Assentamento Frei Anastácio	34
2.5.4	A Chegada do Programa Arca das Letras no Assentamento	35
3	PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS	39
3.1	DESCRIÇÃO DO PROCEDIMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .	39
3.1.2	Análise das entrevistas	46
4	CONSIDERAÇÕES	51
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICES	56

1 INTRODUÇÃO

A leitura é algo libertador, emancipador, que forma opinião, que distingue caminhos, que transforma. A informação e o conhecimento estão presentes em quase todos os lugares através dos meios de comunicação, das tecnologias e da velocidade da internet. Porém ainda há lugares em que estes domínios não fazem parte da realidade. A agricultura, o mundo rural representado pelos povos camponeses ainda carecem de se apropriarem e se apoderarem do saber e do conhecimento. Uma maneira de integração desses povos é através da leitura, pois “[...] a leitura é um processo de construção de sentidos.” (MAGNANI, 1989, p. 34)

Há uma grande diferença de realidades, o rural e o urbano, apesar de um nascer do outro, em muitos recantos o rural tem sido visto como atrasado. Na cidade são muitas as ações de cultura e arte que também envolvem o acesso à leitura e à informação. Já no campo, poucas são as ações que promovem essas atividades, porém, essa realidade pode mudar a partir da nova visão de desenvolvimento rural presente no Relatório Final da Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (2008, p.55):

Essa nova visão de desenvolvimento rural defronta-se com o desafio de consolidar uma percepção mais aprofundada sobre o meio rural, na qual sejam consideradas a diversidade de padrões de uso sustentável dos recursos naturais presentes em cada bioma, a riqueza das manifestações culturais e a importância das populações rurais e de suas estratégias de reprodução econômica, ambiental, cultural, política e social.

Para dirimir um pouco essa ótica o trabalho a seguir traz a experiência do Programa Arca das Letras, um programa do Governo Federal destinado à população das comunidades rurais e que leva bibliotecas a esses recantos objetivando incentivar o acesso aos livros e à prática da leitura. A Arca no Assentamento Frei Anastácio, objeto dessa pesquisa, foi implantada em 2009 em parceria com órgãos e instituições governamentais, e está atuante até hoje.

No decorrer do trabalho iremos refletir ainda sobre a Ruralidade e suas características, observando os conceitos, as diferenças entre o rural e o urbano. Faremos algumas considerações sobre a Reforma Agrária e a dinâmica das lutas dos movimentos sociais, e o resultado dessas lutas que são os Assentamentos da Reforma Agrária. Observaremos também aspectos da Educação mais precisamente

a Educação no Campo, que aborda as especificidades pertinentes ao meio rural e diferenciadas do meio urbano. Outros tópicos desenvolvidos nesse estudo são: A importância da leitura, o acesso à leitura no campo e as bibliotecas comunitárias favorecendo e estimulando a leitura como prática social.

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o programa Arca das Letras no Assentamento Frei Anastácio, objetivando verificar a atuação do mesmo como instrumento de incentivo à leitura no campo sob a perspectiva dos/as usuários/as e dos/as agentes de leitura.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o funcionamento do programa Arca das Letras no Assentamento Frei Anastácio.
- Conhecer a ótica e a prática de leitura dos/as usuários e agentes do programa
- Verificar as influências da implantação do programa no desenvolvimento sociocultural da comunidade.

1.3 JUSTIFICATIVA

O acesso à informação e à leitura atualmente ocorre de maneira natural e muito rápida nas cidades, porém, na zona rural esse acesso ainda tem transcorrido de maneira vagarosa apesar de muitas propriedades já disporem de tecnologia como o computador e até internet. O estudo a seguir trará um panorama de como se encontra o Programa Arca das Letras, que proporciona acesso à leitura a moradores (crianças, jovens e adultos) de uma comunidade no município do Conde-PB, região metropolitana de João Pessoa. Analisaremos se o programa pode contribuir para o aumento da leitura e conseqüentemente para o desenvolvimento da comunidade e também para a socialização do conhecimento.

Numa área cada vez mais crescente que é a Ciência da informação definida por Borko (1968 apud OLIVEIRA, 2005, p. 16) “[...] como uma disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para otimizar sua acessibilidade e utilização”, percebemos que além do tratamento, recuperação e disseminação da informação, a acessibilidade também é uma propriedade dessa área.

Na CI muito se fala em tecnologias, e remetemos imediatamente a duas características: a rapidez e eficiência da informação e a recuperação imediata desses dados, porém existem setores na sociedade onde até os livros são considerados novidade, onde a informação chega mais lenta e através dos meios mais convencionais como televisão e rádio apenas. É pensando nessa esfera que resolvemos desenvolver esse estudo.

Em levantamento na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), dos 7299 textos publicados em 35 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área de CI no período de 1972 a 2012, localizamos apenas 4 artigos com a temática de bibliotecas rurais, o que representa 0,05% do total dos artigos.

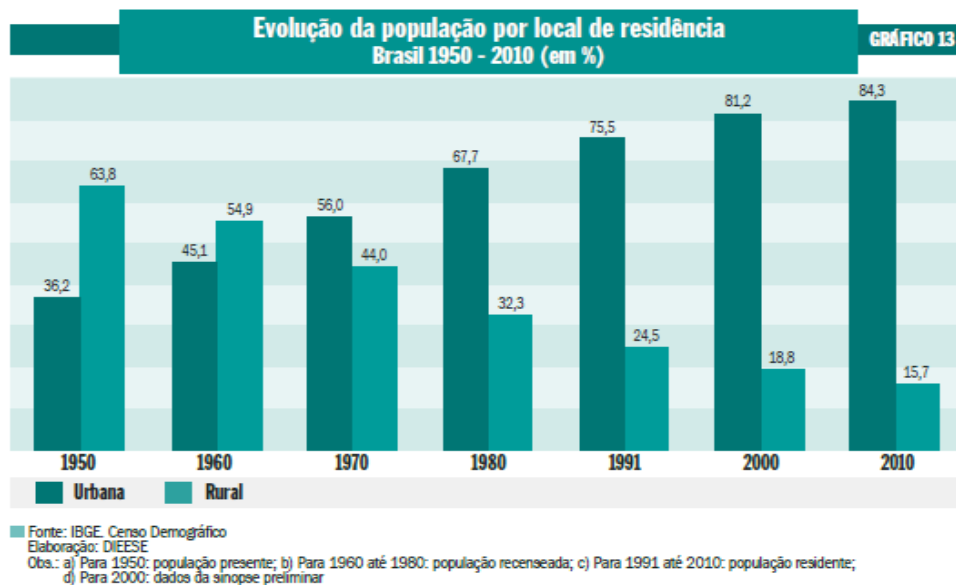
Buscamos, com este trabalho, contribuir para a Ciência da Informação trazendo mais elementos que evidenciam a inclusão social através da leitura, da participação comunitária, e da integração dos sujeitos invisíveis no processo do conhecimento, resultando em ações que colaboram para o desenvolvimento dessas comunidades.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A RURALIDADE E SUAS CARACTERÍSTICAS

As zonas rurais são regiões afastadas dos centros urbanos e que seus atores tradicionalmente utilizam a agricultura e pecuária como forma de garantir o seu sustento e sua segurança alimentar. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, apenas 15,65% da população, totalizando mais de 29 milhões pessoas, vivem em situação rural, contra 84,35%, ou seja, 160.879.708 pessoas vivem em situação urbana.

Figura 01: Evolução da população por residência



Fonte: IBGE. Censo demográfico

Podemos observar a partir da figura 01 a Evolução da População por local de residência, pesquisa publicada pelo DIEESE que na década de 1950 a população rural superava a população urbana em 27,6 %. No último censo observamos que a população rural teve um grande declínio sendo superada pela população urbana em 68.6%. Podemos atribuir esse declínio nos dias atuais à saída dos agricultores para os grandes centros à procura de trabalho e melhores condições de vida, pois uma desvantagem da convivência no campo é a falta de oportunidades relacionadas a emprego e estudos, o que acarreta em pensamentos de alguns agricultores que

para se ter dinheiro tem que procurar emprego na cidade, que seus filhos só poderão ter estudos e “ser alguém” na vida se forem para a cidade e que o campo não está favorecendo essa convivência.

A atual realidade rural resulta de um processo histórico de formação de uma estrutura social, econômica, cultural e política fundada na concentração da terra, da riqueza e do uso dos recursos naturais, na escravidão e no extermínio dos povos indígenas, no latifúndio e na monocultura voltada para a exportação – na dependência em relação aos mercados externos –, na presença de uma forte elite agrária, bem como em diferentes formas de desigualdades sociais (gênero, geração, étnicas, raciais) e regionais, com especial destaque para a pobreza rural e o uso da dominação política e econômica por parte das oligarquias tradicionais. (Relatório Final da Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário, 2008, p. 56)

Apesar do baixo índice populacional na zona rural mostrado na figura 01 nota-se que alguns aspectos vêm transformando a realidade desse meio. A valorização da cultura e dos saberes, a consciência dos próprios agricultores sobre a questão ambiental e a exploração dos recursos naturais, a elaboração de políticas visando à volta dos sujeitos ao campo e conseqüentemente sua fixação são os fatores que junto com a informação vêm modificando a situação do campo. O Relatório Final da Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (2008, p. 56) define de maneira clara a diversidade rural no Brasil:

O Brasil rural comporta uma diversidade de ecossistemas, raças, etnias, religiões, povos, culturas, segmentos econômicos e sociais, sistemas de produção, padrões tecnológicos, formas de organização social e política que contribuem com a geração de postos de trabalho e de renda advinda de atividades agropecuárias, florestais e não-agropecuárias, com a produção de alimentos, matérias-primas e outros bens, além da realização de serviços ambientais.

Há ainda quem diferencia e ao mesmo tempo integra o urbano ao rural a exemplo de Santos (1993, p.9) quando afirma que “mais do que a separação tradicional entre um Brasil urbano e um Brasil rural há hoje no país, uma verdadeira distinção entre um Brasil urbano (incluindo áreas agrícolas) e um Brasil agrícola (incluindo áreas urbanas)”. As duas formas estão conectadas, a exemplo de granjas e chácaras nas cidades; por outro lado observa-se o crescimento da procura por condomínios e agrovilas, o que leva a perceber que os habitantes dos grandes centros estão procurando uma vida mais saudável, mais sustentável. A ruralidade,

apesar de conceituada e diferenciada da urbanidade caracteriza-se ainda como desafio para a sociedade.

Reconhecer o campo como um espaço que demanda das mesmas necessidades de políticas públicas que os espaços urbanos ainda requer muita discussão, pois o campo ainda é visto como o espaço à margem do urbano. São inúmeras as carências existentes no campo a exemplo das condições de habitação. Segundo um levantamento realizado pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (EMATER-PB), em maio de 2011, verificou-se que existem em torno de 15.894 casas de taipa em toda a Paraíba. Casas rusticamente construídas com barro armado e galhos (toras) de madeira, cujas moradas abrigam as famílias sem nenhuma condição de saúde e segurança. Outros exemplos das condições precárias no campo incidem sobre a ausência de rede elétrica e de esgoto, a irregular coleta de lixo, escassos recursos financeiros para aquisição de bens de consumo como: geladeira, fogão, televisão, carro ou moto próprios, sem falar no acesso à informática e às tecnologias, que apesar da facilidade de compra através de crediário, ainda são bens considerados supérfluos.

Ter qualidade de vida no campo não significa somente ter acesso aos meios de produção; essa é uma realidade em que governo e sociedade devem dialogar para poder solucionar esses inúmeros problemas e carências, o que implica em transformações importantes para garantir a cidadania e o acesso a essas políticas por esses atores sociais do campo. Para afirmar esse pensamento Sparovek (2005, p. 05) diz que:

[...] o bem-estar não pode ser apenas medido pela renda. Outros valores, muitas vezes mais importantes do que a renda, são profundamente alterados. Ser dono do próprio destino; manter a família unida em vez de cada um migrar atrás de trabalho; produzir, estruturar, melhorar e afagar a própria terra tirando de lá o seu sustento, futuro e dignidade em vez de produzir naquilo que não serviu para os outros deixando lá não apenas o suor, mas parte da colheita, são valores mágicos.

Para Wanderley (2001) o mundo rural mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba.

Já para Reis (2006, p.6):

O espaço rural brasileiro se torna, portanto, diferenciado, de acordo com o grau de intensidade da atuação deste processo. Este fenômeno torna-se mais perceptível nas áreas rurais que possuem um contato mais íntimo com as grandes cidades que compõem o núcleo dinâmico da economia brasileira.

As comunidades rurais são formadas por famílias que vivem nas áreas rurais, que possuem as características já mencionadas, nas quais os agricultores realizam suas atividades cotidianas de lidar com a terra e com os animais, cujas mulheres além da casa e dos filhos também se responsabilizam pela lavoura, e os filhos estudam e dedicam uma parte do tempo ainda ao cultivo, pois também constituem mão de obra nesse trabalho diário.

O debate sobre as condições de vida no campo em sua grande maioria remete apenas às condições de produção, de convivência com a escassez de recursos (hídricos), de comercialização de seus produtos, de acesso a crédito para produção e ações para melhoria das condições financeiras da população. Silva (1998, p.1) demonstra que “não se trata das condições para o chamado acesso à modernidade, como o telefone por exemplo; estamos falando de carências básicas como não dispor de água potável e ser analfabeto”.

Esta discussão é essencial tendo em vista a marginalização econômica destes atores sociais, mas como afirma Sparovek (2005, p. 55)

O acesso à terra concretiza e dá uma nova dimensão à forma de vida que estas pessoas sempre tiveram: tirar o sustento, a dignidade e o bem-estar do trabalho da terra. [...] significa uma chance de progredir, retornar mais para a sociedade, oferecer alimentos para a comunidade em que sempre se viveu e junto com a qual sempre se tirou o sustento. A esperança concreta de uma vida melhor para os filhos. A estabilidade de se produzir no que é seu, eliminando intermediações e custos adicionais decorrentes da produção na terra dos outros é o cerne das mudanças, que são perenes. Elas não se restringem ao momento em que a família toma contato e se beneficia da reforma agrária.

É preciso reconhecer os espaços rurais e desmistificar a ideia de que são apenas áreas nos arredores dos centros urbanos, bem como a percepção de que seus atores são atrasados e ignorantes. O campo é um espaço com grande potencial de recursos naturais e de pessoas; os primeiros são essenciais para a

produção dos alimentos e para a sustentabilidade da população; o segundo com a mesma importância nos faz perceber que os conhecimentos e saberes pertinentes a eles fazem parte de um contexto histórico que deve ser preservado e perpetuado.

Quem não tem em suas raízes mais antigas uma história ou uma vivência nos sítios ou fazendas, os avós que contam histórias da infância no campo, da lavoura, da vida tranquila, das conversas no alpendre,

A questão da marginalização no campo não é só de ordem financeira, também é essencial o trabalho com a dimensão educacional e cultural. Quando se fala em agricultura, rural, ou campo, logo remete-se ao indivíduo semianalfabeto (ou analfabeto) que lida com a terra e desprovido de cultura e conhecimento. No documento final da Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (2008, p. 59) observou-se a necessidade de ampliar e fortalecer o acesso à educação do/no campo conforme colocação:

Na esfera educacional, observa-se que os índices de analfabetismo nos domicílios rurais são maiores que nos urbanos, devido à nucleação escolar e à inexistência de uma política de educação apropriada às realidades rurais. Atualmente, existe um grande número de escolas rurais fechadas; a educação infantil é insuficiente e deficiente; os profissionais têm conhecimentos escassos sobre os temas da realidade do campo; o transporte e alimentação escolar são inadequados e insuficientes; as estradas são mal conservadas, além da insuficiência de políticas públicas para a juventude rural.

A educação do/no campo é um ponto da educação bastante discutido, pois no campo existe uma pluralidade de atores e que as metodologias aplicadas são diferenciadas justamente em relação a essas pluralidades. É resultado da luta dos movimentos sociais pelo direito e acesso à educação de qualidade independente de lugar, preservando, é claro as peculiaridades dos povos do campo. Segundo Silva (2010 p. 5) a educação do campo caracteriza-se como:

uma pedagogia para atender os povos do campo, precisa considerar os elementos simbólicos das culturas que norteiam os modos de vida desses educandos e comunidades, especialmente, no tocante às alternativas produtivas, as suas práticas e rituais, as suas curas, festividades, temporalidades.

Fazer chegar às políticas públicas de educação, cultura, arte, lazer, esporte e outras, ainda é a melhor maneira de realizar a inclusão desses sujeitos.

2.2 A REFORMA AGRÁRIA E OS ASSENTAMENTOS

2.2.1 Reforma Agrária

O termo reforma agrária é utilizado para denominar os processos de reorganização fundiária com objetivo de dar acesso à posse da terra e aos meios de produção para os trabalhadores e trabalhadoras rurais.

A questão agrária vai muito além do que a redistribuição de terras improdutivas com agricultores sem terra. É olhar todo o contexto que envolve as famílias, a economia, e a desigualdade social. Prado Júnior (1987, p. 79) reflete muito bem sobre o latifúndio quando afirma:

[...] o latifúndio improdutivo pode ser e efetivamente é um mal a ser combatido. Mas não pode ser isolado e separado, no combate que contra ele se pretende, das demais circunstâncias que tornam possível sua existência; da questão agrária em conjunto de que ele não constitui senão elemento derivado que se eliminará, e somente se eliminará, na reforma geral da economia agrária brasileira. Proposta noutros termos a luta ou pseudoluta contra o latifúndio improdutivo nada mais será que uma diversão, um escamoteamento do problema agrário brasileiro.

A concentração de terras nas mãos dos latifundiários e a falta de emprego e oportunidades têm sido os principais fatores da saída dos agricultores do campo. A consequência dessa migração, também denominada de êxodo rural, transforma esses centros em favelas, trazendo a falta de condições de vida e de dignidade consequentemente resultando em miséria, marginalidade criminalidade. Para evitar a saída do ser humano do campo para a cidade e toda essa transformação, a Reforma Agrária vem trazer uma esperança a essas pessoas que já vivem reféns da desigualdade social.

A reforma agrária pode ser considerada como meio para a construção da autonomia dos agricultores e agricultoras, trabalhadores e trabalhadoras rurais. Oliveira (1997, p. 193) considera “O que a reforma agrária pode é pacificar o campo, aumentar a oferta local de alimentos e dinamizar seguimentos peculiares da pequena produção da economia rural [...]”.

A visão ou reflexão do que deve ser uma reforma agrária bem sucedida já era elucidada por Prado Júnior (1987, p. 88) ao afirmar que:

O que se entende e deve entender por “reforma agrária” nas atuais circunstâncias do país, é a elevação dos padrões de vida da população rural, sua integração em condições humanas de vida, o que não é e está longe ainda de ser o caso em boa parte do Brasil.

Segundo a Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964 que dispõe sobre o Estatuto da Terra: “Considera-se Reforma Agrária o conjunto de medidas que visem a promover melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social e ao aumento de produtividade.” O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) é o responsável pelas questões de promover, coordenar e executar o acesso à terra aos trabalhadores rurais.

Conforme falado anteriormente, a reforma agrária no Brasil é lenta, pois enfrenta vários entraves, entre eles ressaltamos a resistência dos grandes proprietários rurais (latifundiários), as burocracias e dificuldades jurídicas, a infraestrutura desses assentamentos, pois a reforma agrária não é apenas a doação da terra, cujos acampados não possuem condições financeiras para arcar com os custos iniciais de manutenção de suas famílias e da compra dos meios de produção como adubos, sementes, insumos e etc. Freire (1983, p.39) analisa a reforma agrária

[...] como um processo global, não pode limitar-se à ação unilateral no domínio das técnicas de produção, de comercialização, etc., mas, pelo contrário, deve unir este esforço indispensável a outro igualmente imprescindível: o da transformação cultural, intencional, sistematizada, programada.

Apesar dos problemas para implantação, a realização da reforma agrária é de extrema importância para o país, pois proporcionando terra para a população trabalhar, há o aumento da produção agrícola, e conseqüentemente a redução das desigualdades sociais.

Os movimentos sociais em grande parte contribuíram para acelerar essa lentidão da reforma, cujo Movimento dos Sem-Terra (MST) organizou os trabalhadores/as e agricultores/as que foram às ruas, fizeram protestos, passeatas, ocupações e através das lutas e da resistência vêm conseguindo alguns avanços.

2.2.2 Os Assentamentos

Os assentamentos são áreas de terra que foram expropriadas para distribuição através da Reforma Agrária, cujos espaços não apresentam grandes diferenças dos espaços já citados no trabalho, porém, a maior diferença foram as lutas dos movimentos para conquistar esse “pedaço de terra”. Nas outras esferas também são famílias agricultoras que precisam da terra para o cultivo e produção do seu sustento. Bergamasco e Norder (1996 apud GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010, p.6) mencionam que:

o termo “assentamento” emerge no contexto da reforma agrária venezuelana, em 1960, se difundindo para inúmeros países e mencionam que, de uma forma genérica, podem ser definidos como a criação de novas unidades de produção agrícola por meio de políticas governamentais, que visam ao reordenamento do uso da terra em benefício dos trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra.

Os assentados, antes acampados, também chamados de sem-terra, são os agricultores que por algum motivo perderam o emprego no campo, ou tiveram que se desfazer de suas terras. Acreditam na Reforma Agrária como solução para esse problema, mas para alcançar o resultado esperado, que é a posse da terra, é preciso muita luta, principalmente contra a burocracia.

Os sem-terra conquistaram a maior parte das terras onde hoje estão assentados. E, é importante enfatizar, essa realidade é fruto da luta pela terra. A competência do governo nesses processos é a regularização fundiária. A luta pela terra não é, evidentemente, uma política de governo, mas sim dos trabalhadores. Sem reforma agrária, a implantação dos assentamentos tornou-se política de governo (FERNANDES, 2001, p.42).

As lutas desse atores pela terra continuam acontecendo em todos os recantos do país, umas mais arraigadas outras apenas manifestações brandas, porém com a determinação, coragem e vontade de conseguirem um lugar para cultivar e tirar seu sustento.

Para Carvalho (2004, p. 115):

os conflitos sociais agrários são decorrentes, por um lado, da ação histórica arbitrária e opressiva de invasão e apropriação privada de

territórios indígenas, camponeses e das terras públicas pela expansão e territorialização do capital e, por outro lado, da combinação entre a resistência indígena e camponesa contra essa invasão de terras pelo capital e a ofensiva dos trabalhadores rurais sem terra na ocupação das terras dos latifundiários, forma extremada de resistência pela ação direta contra os que lhe negam a existência social no campo.

A morosidade na implantação do Projeto de Assentamento (PA), na definição das áreas, no acesso ao crédito, a burocracia na negociação e desapropriação das terras improdutivas dos grandes latifúndios e muitas outras dificuldades como a relação, nem sempre amistosa, entre técnicos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e os assentados têm sido apontadas como obstáculos na consolidação das áreas desapropriadas para assentamento de famílias sem-terra. Para Oliveira (1997, p. 195) “[...] o assentamento de agricultores sem terra em si deveria ser considerado um “rito de passagem” rumo a um ambiente de explorações familiares, tecnicamente fortalecidas e organizadas”.

Assim como nas comunidades tradicionais, os assentamentos também demandam das políticas públicas já citadas para o meio rural, e uma das grandes preocupações dos assentados é a presença e permanência dos seus filhos/as na escola, uma vez que devido aos movimentos estarem itinerantes, sempre acampando e mudando de lugares, os/as filhos/as não têm oportunidades de um estudo continuado, acarretando assim num baixo nível de escolaridade dessas crianças.

2.3 EDUCAÇÃO NO CAMPO

A Educação se caracteriza como a possibilidade de expansão do indivíduo nas dimensões: emocional, sensorial, motora, mental, sócio-afetiva. Ter acesso à educação é um direito constitucional das pessoas desde que nascem.

A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder as necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica deste “ser situado e temporizado

e as condições especiais desta temporalidade e desta situacionalidade. (FREIRE, 1981 p. 61)

A Educação é um direito constitucional como assegura a CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988 em seu Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Taylor (1985 p. 33) afirma que “[...] entende-se como serviços à área rural os programas levados às populações residentes fora do perímetro urbano das cidades.”. O meio rural possui particularidades e especificidades que o diferencia na proposta de educação se compararmos com as propostas para o urbano. Ainda existem muitos moradores do campo que são analfabetos, tanto crianças, mas a maioria de adultos. Isso ocorre pelas condições desiguais de educação aos indivíduos do campo. Porém hoje algumas políticas públicas já beneficiam esse aspecto da educação a exemplo da Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra. (FREIRE, 1989 p. 19)

O campo necessita de uma metodologia de ensino e aprendizagem característica, os educadores devem atentar para a realidade de seus aprendentes, sua identidade social e cultural bem como seus saberes e interesses. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 em seu Artigo 28, evidencia a necessidade de adaptação dos sistemas de ensino, considerando que o campo possui suas características próprias:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

A Extensão Rural também se insere no contexto da educação do campo, pois em suma seu trabalho também é uma forma de levar os conhecimentos aos agricultores/as. No início a extensão rural recebia forte influência do modelo norte-americano que buscava resolver o subdesenvolvimento da agricultura. As ações extensionistas naquele período utilizavam práticas que podem ser consideradas paternalistas onde o chefe da família era quem recebia a assistência técnica, os chamados “pacotes”, as questões sociais não tinham grandes prioridades, no máximo os outros integrantes da família recebiam orientações de higiene e limpeza, de saneamento, culinária.

A educação do campo deve estar baseada no sentido de construção de uma pedagogia que atenda a necessidade dos seus atores, salientando que é importante observar as premissas que norteiam a agricultura familiar na atualidade tais como: desenvolvimento rural sustentável com base agroecológica; metodologia de ensino e aprendizagem de maneira participativa e construtivista; cultivo atendendo principalmente a soberania e segurança alimentar.

A educação que, para ser verdadeiramente humanista, tem que ser libertadora, não pode, portanto, caminhar neste sentido. Uma de suas preocupações básicas, pelo contrário, deve ser o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham. (FREIRE, 1983 p. 52).

Para a efetivação de uma educação do campo, de qualidade, é preciso resolver alguns problemas existentes como: insuficiência de escolas, infraestrutura precária das escolas presentes no campo; desvalorização do professor; falta o conteúdo ser específico para os atores sociais do campo, ou seja, enfatizar seus conhecimentos não permitindo a descaracterização desses saberes através das metodologias utilizadas nos espaços urbanos. Uma outra observação a fazer sobre a educação no campo é a fixação desses jovens nesse espaço, ou seja, com o ensino no próprio campo, os atores se sentem motivados a permanecerem em seus espaços evitando a migração para as cidades e todas as consequências que já citamos anteriormente.

Uma alternativa que vem dando resultado em relação à efetivação da educação do campo é o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, que permite o conhecimento chegar ao campo através de propostas de

educação que utilizam metodologias de desenvolvimento das áreas de reforma agrária. O programa é voltado para jovens e adultos de Assentamentos da Reforma Agrária nos níveis da educação básica, fundamental e média; níveis técnicos e profissionalizantes; superiores e de especialização.

2. 4 A LEITURA

A leitura é essencial para o desenvolvimento do senso crítico do ser humano. O ato de ler tem a capacidade de libertar, pois permite que o indivíduo forme suas próprias opiniões através da informação e do conhecimento, também o faz perceber e distinguir as situações e acima de tudo transforma o cidadão.

Desde o começo, na prática democrática e crítica, leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador. (FREIRE, 1989, p. 18).

De acordo com Moraes (1996, p. 12) “A leitura é um modo particular de aquisição de informação. São estes processos específicos implicados nesse modo de aquisição de informação, e não a utilização ulterior da informação adquirida que você quer conhecer”.

A leitura não pode apenas representar o ato mecânico de ler, ela deve ser a motivação para a formação da consciência e da crítica assim como o próprio discernimento. Um livro, revista ou outro material possui em seu texto a interpretação que o leitor vai dar através da sua vivência, das suas práticas. O conhecimento não se adquire sem leitura, ele é resultado de leituras, escritas, experiências trocadas, história, memória e etc. Por isso a leitura deve ser estimulada desde criança para que esta conheça e tome gosto pelo ato de ler.

O processo de formação do leitor está vinculado, em um primeiro momento, ao contexto familiar, isto é, se há presença de livros, leitores e situações de leitura no lar. É importante para a criança que haja exemplos de leitura, já que ela aprende por meio de imitações do comportamento alheio e executa o que assimilou em sua vida. (PERUCHI, GOMES, CEZAR, 2007, p. 22)

É a partir desse momento que a leitura deve ser cada vez mais aguçada, seja pela família, seja pela escola através das bibliotecas e atividades promovidas por elas e também pelo incentivo dos educadores. Morais (1996, p. 12) afirma que “A leitura é uma questão pública. É um meio de aquisição de informação (e a escritura um meio de transmissão de informação), portanto, um ato social. Mas ela constitui também um deleite individual.”

Quando os pais não têm o hábito de ler, mais a criança tem o estímulo na escola, ao chegar em casa com livros, provoca nos pais a curiosidade de as ver lendo, o que está lendo, o porquê, acarretando assim um despertar também neles (pais) o hábito da leitura. “A falta de hábito de leitura tem sido apontada como uma das causas do fracasso escolar do aluno e, em consequência, do seu fracasso enquanto cidadão”. (MAGNANI, 1989, p. 9). Ainda na questão do fracasso escolar também pode-se acrescentar a falta de bibliotecas escolares, de profissionais da informação bibliotecários e produtos e serviços que estimulem a leitura.

Segundo a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil em sua 3ª edição realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro, 28% da população de 178 milhões de brasileiros com 5 anos ou mais informa que gosta de ler em seu tempo livre. Esse dado teve uma queda significativa considerando a mesma pesquisa feita em 2007 que apontava um percentual de 36% de leitores para 173 milhões de brasileiros, podendo-se observar que a população aumentou, porém, o percentual de leitores diminuiu, e isso causa certa preocupação, pois, os leitores estão deixando de ler para realizar outras atividades em seu tempo livre. Com o aumento das tecnologias e a acessibilidade cada vez maior à internet e redes sociais, subentende-se que um dos motivos do declínio de leitores seja essa ânsia cada vez maior de estar conectado com esses meios de interação.

Outro ponto analisado pela Pesquisa foi o comparativo entre a leitura atual e a leitura no passado, quando perguntados “você lê uma quantidade maior ou menor do que já leu no passado?”, em 2007, 40% dos 95,6 milhões de leitores responderam que leem mais e 46% que leem menos. Já em 2011, 49% dos 88,2 milhões de leitores no Brasil responderam que leem mais e 28% que leem menos.

Apesar da diminuição em 7,4 milhões de leitores em relação a 2007, o número de pessoas que está lendo mais aumentou considerando a proporção. Isso

é relevante, pois demonstra que a população tem despertado para a leitura e para seus benefícios, mas não descarta a preocupação com os fatores que fizeram com que o número de leitores caísse em 7,4 milhões, podendo-se citar alguns desses fatores como o preço dos livros, a falta de bibliotecas públicas, a própria educação não priorizar o hábito da leitura.

2.4.1 Importância da leitura

Para simbolizar, que antes da leitura propriamente dita vem a relação e a visão que temos do nosso entorno, Freire (1989, p. 9) genuinamente faz a seguinte colocação:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto

Não se pode mensurar o valor e a importância que a leitura possui, pois além de manter o leitor informado, tem o poder de formar e transformar opiniões e conhecimentos. A leitura também transporta para outros mundos sem que o leitor saia do lugar; outro benefício da leitura é a escrita correta e um vocabulário vasto. Quem lê mais escreve melhor e conseqüentemente amplia seu vocabulário. Ao ler o leitor constrói sua interpretação unindo conhecimento adquirido ao longo da vida e a informação trazida pelo texto. A leitura promove vários olhares e perspectivas para uma mesma informação. A interação com outros atores permite a discussão e conseqüentemente o descarte da informação equivocada. Para alguns a leitura é uma ação de extremo prazer, cujos leitores o fazem com ânsia cada vez maior, reportando-os a lugares, pessoas, cores, sabores, fazendo parte da história e da memória de todos. Porém alguns leitores, se é que podemos chamar assim, não têm tanta afinidade com o mundo da leitura e do conhecimento.

Um ponto analisado pela Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil foi o significado da leitura para os brasileiros os quais 64% responderam que a leitura é “Fonte de conhecimento para a vida”, contra 42% em 2007, o que nos faz perceber

que apesar do número de leitores ter diminuído a leitura é considerada como importante para o desenvolvimento, discernimento e formação da cidadania.

Mas em contradição a essa análise observamos outro ponto da pesquisa que observa a “Principal razão para estar lendo menos que antes” e a análise traz: dos 53,8 milhões dos leitores que responderam que estão lendo menos, 78% responderam algo que caracteriza desinteresse (falta de tempo, não gostar, prefere outras atividades, não tem paciência, só lê quando exigido), 15% caracterizando Dificuldade (limitações físicas (visão), lê devagar, falta de concentração, dificuldade de compreensão), 4% caracterizando Acesso (Livro é caro, não tem onde comprar, não há bibliotecas por perto) e por último 3% não souberam. Analisando essa estatística observamos que um exercício de conscientização da importância da leitura para o ser humano como cidadão deve ser trabalhado nas escolas, nas famílias, e em outras instituições onde também aconteça a educação, para que a própria sociedade possa tornar-se desenvolvida.

2.4.2 O acesso à leitura no campo

Os povos do campo já carregam o estigma de atrasados, amatutados e ingênuos devido aos inúmeros fatores como: estarem afastados da cidade (onde considera-se o desenvolvimento), são invisíveis perante a sociedade, pouco acesso ou quase nenhum aos meios de comunicação, fatores como a própria educação que faz com que as crianças e jovens tenham que se deslocar todos os dias para a cidade poder estudar, por que em muitos municípios não existem escolas disponíveis na zona rural. Ainda sobre o aspecto de ingenuidade dos camponeses e dos oprimidos de uma forma geral, Freire (1982 p. 19) comenta

O importante, porém, ao renunciar à “inocência” e ao rejeitar a esperteza, é que, na nova caminhada que começa até os oprimidos, se desfaça de todas as marcas autoritárias e comece, na verdade, a acreditar nas massas populares. Já não apenas fale a elas ou sobre elas, mas as ouça, para poder falar com elas.

Essa é uma realidade de exclusão social, pois não respeita o local, a cultura, os saberes desses povos. Fazer chegar uma escola, uma unidade de saúde, uma

patrulha de segurança a esses espaços faria com que não precisassem abrir mão das suas culturas e origens para seu desenvolvimento como cidadãos.

O acesso à leitura no campo se dá através dos livros ou materiais emprestados a alunos que frequentam as escolas na cidade por meio de suas bibliotecas ou a medida que existem escolas nesses lugares, e que essas escolas disponham de bibliotecas.

Observamos que são poucas as políticas que fazem chegar o acesso aos livros e leitura no campo. As escolas que existem na zona rural de maneira geral nem sempre estão equipadas como deveriam, com biblioteca ou espaço para leitura, para atender a demanda de leitura da população estudantil. Muitas vezes não estão equipadas nem com o material e infraestrutura básica necessárias para um bom aprendizado; o que se observa através das notícias televisionadas e de reportagens em jornais é uma educação sucateada, e uma população camponesa cada vez mais carente dessas políticas.

Contudo existem projetos e programas, muitos realizados por iniciativas particulares, ou através de Ong's, ou até mesmo do Governo, e que levam a leitura para espaços não convencionais, a exemplo de: bibliotecas comunitárias, bibliotecas em espaços como rodoviárias, paradas de ônibus, bibliotecas itinerantes (nos quais levam os livros em caminhão, bicicletas e até em mulas); e também o Programa Arca das Letras, foco deste estudo.

2.4.3 Biblioteca comunitária e/ou alternativa e a leitura como prática social

A biblioteca em si, na visão de muitos é um lugar quieto, onde deve imperar o silêncio, com um/a bibliotecário/a pouco simpática e que sirva apenas para pesquisa. Porém, a biblioteca deve ser observada como um ambiente que permita além dos estudos, que explore as relações interpessoais, que promova a cultura, a leitura e a arte. Stumpf (1988 apud ALMEIDA JÚNIOR, 1997) diz: “a biblioteca comunitária, vista como recurso de recreação, cultura e educação de agrupamentos sociais de uma área geográfica específica”.

Numa biblioteca tradicional a leitura e a pesquisa são as atividades principais, mas novos paradigmas estão se construindo, as bibliotecas ou espaços de leitura ou até mesmo os novos suportes estão se desenvolvendo e permitindo que o leitor tenha a liberdade de escolher, se expressar, se comunicar. É importante ter essa visão de que a leitura e a interação não acontecem apenas num espaço determinado a exemplo da escola, ou até mesmo a Biblioteca Pública (Municipal ou Estadual). O que é relevante é que a leitura aconteça, independente do lugar/espaço onde isso ocorra. O Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL traz em seu Eixo 1, a Democratização do Acesso, e apresenta como ponto 1.3. Conquista de novos espaços de leitura que são:

Criação e apoio a salas de leitura, bibliotecas circulantes e “pontos de leitura” (ônibus, vans, peruas, trens, barcos etc.). Atividades de leitura em parques, centros comerciais, livrarias, aeroportos, estações de metrô, trem e ônibus. Leitura em hospitais, asilos, penitenciárias, praças e consultórios pediátricos. Leitura com crianças em situação de rua. Espaços de leitura nos locais de trabalho.

As bibliotecas alternativas permitem ao leitor a liberdade de expressão através das trocas de sentidos e saberes; são espaços diferenciados que incentivam a leitura e o conhecimento.

“essas bibliotecas são faladas como espaços que rompem com o estereótipo de lugar que silencia, cala seus leitores e normatizado por regras rígidas e que instalam a imagem de um lugar que permite troca de sentidos sobre práticas e gestos de leitura.” (BASTOS; ROMÃO, 2010, p. 1)

As bibliotecas comunitárias são espaços de leitura que servem a comunidade e ao mesmo tempo são planejados e gerenciados por elas. A comunidade se responsabiliza pela gerencia dessas bibliotecas mantendo-as conservadas, atuantes. Elas são utilizadas como recreação e como instrumento difusor da cultura local e regional, onde crianças, jovens e adultos têm os livros como aliados na formação e desenvolvimento da cidadania.

Nas comunidades rurais, os atores ainda são vistos como ingênuos ou amatutados, carregam esse estigma justamente pela pouca leitura e pela pouca formação. É necessário que as oportunidades de leitura, informação e conhecimento

também façam parte desses espaços. Sobre esses aspectos Freire (1989, p 20) coloca como sugestão:

Um excelente trabalho, numa área popular, sobretudo camponesa, que poderia ser desenvolvido por bibliotecárias, documentalistas, educadoras, historiadoras seria, por exemplo, o do levantamento da história da área através de entrevistas gravadas, em que as mais velhas e os mais velhos habitantes da área, como testemunhos presentes, fossem fixando os momentos fundamentais da sua história comum.

Essas bibliotecas alternativas além de contribuírem para os/as usuários/as terem acesso aos livros que de outra forma talvez não tivessem, elas colaboram para que haja a inclusão social através das atividades de cultura, arte e leitura através das rodadas de conversas e contação de histórias como reconhecimento da identidade,

2.5 O PROGRAMA ARCA DAS LETRAS

2.5.1 Resgate Histórico¹

O Programa Arca das Letras surgiu em maio de 2003, a partir de um projeto piloto em cinco comunidades distribuídas em: Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Sul que pudessem subsidiar um projeto maior sobre bibliotecas rurais. As comunidades escolhidas para iniciar esse projeto foram: 1- Comunidade de agricultura familiar tradicional chamada Retiro, localizada em São José do Egito-PE; 2- Comunidade quilombola chamada Leitão da Carapuça localizada no município de Afogados de Ingazeira-PE; 3- Assentamento da reforma agrária chamado Santa Catarina, localizado no município de Monteiro-PB; 4- Assentamento da reforma agrária PA Águas Claras, localizado no município de Viamão-RS; 5- Comunidade de agricultura familiar de formação colonial (influência da colônia alemã) chamada Linha 8 de maio, localizada no município de Porto Lucena-RS.

A comunidade quilombola Leitão da Carapuça foi o início do Programa, pois foi onde a equipe do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) escolheu para

¹ Baseado em relato enviado pela Sr^a Marianna de Aguiar Estevam do Carmo Consultora da Coordenação-Geral de Ação Cultural - Arca das Letras.

começar a aproximar as bibliotecas no campo. De início fizeram reuniões com os moradores para sensibilizar e discutir a importância da iniciativa para a comunidade. Uma pesquisa foi feita, abordando as preferências dos moradores, ou seja, o que eles gostariam que a biblioteca contivesse. Outros assuntos abordados foram: o nível de escolaridade, a produção agrícola, o tipo de trabalho, ou seja, foi traçado um perfil da comunidade. Em outras reuniões foram discutidos o local de acessibilidade para a inserção da biblioteca e a confecção do móvel. Depois dessas reuniões e das informações coletadas, a equipe voltou pra Brasília para estruturar o Projeto.

Em julho de 2003 a equipe do MDA formada pela bibliotecária e mestre em Ciência da Informação Cleide Soares, e a historiadora, mestre e doutora em História Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro, voltou às comunidades para levar as bibliotecas planejadas por eles.

Ao final de dezembro de 2003 o Ministério do Desenvolvimento Agrário voltou à Comunidade Leitão da Carapuça e lançou nacionalmente o Programa Arca das Letras, entregando bibliotecas e capacitando 150 agentes de leitura para comunidades da região do Pajeú.

Segundo os dados enviados pela Coordenação Geral de Ação Cultural – Arca das Letras, o Programa Arca das Letras desde sua criação em 2003 até o final de 2011, conforme Quadro 01, já beneficiou 46.598 famílias, entregando 376 bibliotecas, contendo 81161 livros em 92 municípios e já capacitou 689 Agentes de Leitura.

Quadro 01: Dados anuais do Programa Arca das Letras 2003/2011

Dados anuais – Programa Arca das Letras					
ANO	MUNICIPIOS	FAMÍLIAS	BIBLIOTECAS	LIVROS	AGENTES
2003	1	963	1	293	1
2004	5	444	9	1980	15
2005	23	4898	78	17513	136
2006	22	5113	74	16440	136
2007	5	397	10	2200	18
2008	16	11675	43	8130	82
2009	28	9733	57	11756	102
2010	23	5553	42	9060	78
2011	20	7822	62	13789	121
TOTAL	92	46598	376	81161	689

Fonte: Coordenadoria Geral de Ação Cultural - Arca das Letras

2.5.2 Estrutura e funcionamento

O Programa Arca das Letras é um programa do Ministério do Desenvolvimento Agrário que disponibiliza suporte (acervo, sinalização, metodologia) para implantação de bibliotecas rurais bem como capacitação de pessoas para atuarem como agentes de leitura. A iniciativa também faz parte das ações do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) que preconiza a *conquista de novos espaços de leitura*. A implantação das Arcas acontece a partir da demanda da comunidade que é feita através de reuniões de maneira participativa e construtiva, nas quais a comunidade dialoga e decide sobre as responsabilidades e o gerenciamento da biblioteca.

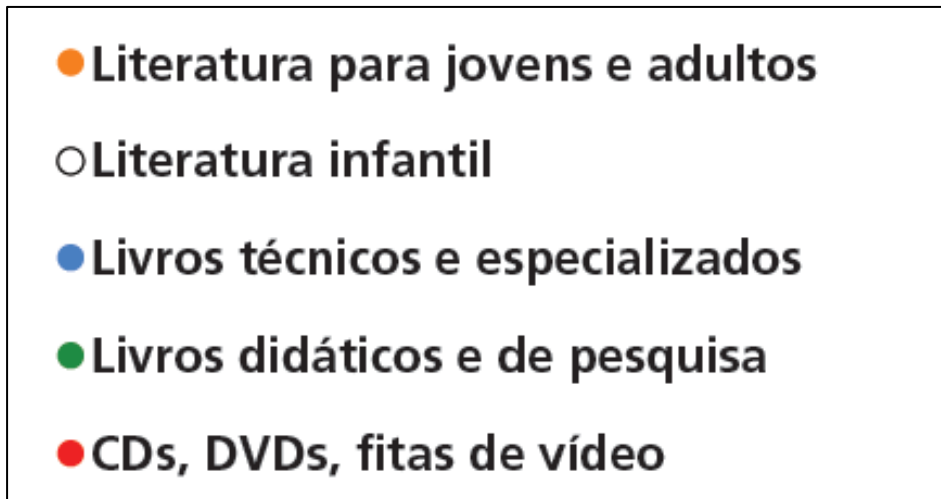
O Agente de Leitura, segundo as orientações do programa, é um morador local indicado pela própria comunidade que se disponha e se dedique a cuidar da biblioteca voluntariamente, colocando-se no papel de mediador da leitura e da informação. O Agente é responsável pela organização do acervo, pelo empréstimo, pelo tratamento dos documentos, pela promoção de eventos culturais na comunidade que incentivem a leitura e pela busca de novos acervos (geralmente através de doações).

A Arca, em se tratando do móvel, trata-se de um mobiliário específico, com dimensões padrão de modo a facilitar a sua reprodução. A confecção desses móveis também atende uma questão de inclusão, pois são fabricadas por marceneiros de projetos sociais, apenados de penitenciárias, jovens internos de centros de reabilitação. É atribuição também do Agente a higiene, manutenção e organização do móvel bem como do ambiente onde ele ficar disposto. O zelo com a biblioteca é de responsabilidade da comunidade.

O acervo a principio é doado pelo MDA e por parceiros como: Banco do Nordeste, Banco do Brasil, Banco da Amazônia, INCRA, Projeto Dom Helder, Eletrobrás, Ministérios Aquicultura e Pesca, Minas e Energia, Justiça, Cultura, Educação, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação etc. É formado por 200 livros, sendo livros de histórias em quadrinhos, gibis, literatura brasileira, livros didáticos e livros técnicos das áreas de interesse da comunidade. A organização do

acervo obedece à classificação de cores, dispostas em forma de etiquetas nas lombadas dos livros, conforme Figura 02.

Figura 02: Classificação do Acervo da Biblioteca Arca das Letras



Fonte: SOARES, Cleide Cristina. Implantação de bibliotecas rurais: manual para agentes e multiplicadores do Programa Arca das Letras.

Os princípios ou regras para utilização da biblioteca também devem ser decididos e definidos em conjunto com a comunidade, devem ser abordados: horário de funcionamento, prazo de empréstimo (diferenciando crianças (7dias), jovens e adultos (15 dias); quantidade de livros a serem emprestados; cobrança de multa (reversão do recurso para aquisição de novos documentos); penalidade para quem perder ou danificar um livro (procedendo a reposição do mesmo).O agente de leitura tem autonomia para criar atividades e práticas que favoreçam e incentivem a leitura da comunidade através de leituras coletivas e contações de histórias, oficinas de leitura, apresentações de poetas, saraus e qualquer realização que estimule o processo de leitura e conhecimento.

2.5.3 O Assentamento Frei Anastácio

O Assentamento Frei Anastácio é uma área de Reforma Agrária, está localizado no município do Conde-PB, mesorregião da Mata Paraibana, microrregião do Litoral Sul. Possui uma área de 33 ha, com 18 famílias assentadas da reforma

agrária e mais 4 famílias agregadas, que é resultado de muitas lutas dessas famílias que lutaram junto com os movimentos sociais pela expropriação de terras. O Assentamento é fruto da peleja de várias famílias pela desapropriação da Fazenda Garaú que se encontrava improdutivo. A fazenda foi ocupada várias vezes pelos acampados, que por sua vez foram despejados pelos donos das terras inclusive com a presença da polícia. Porém a desapropriação aconteceu em 25 de Maio de 1998 e a emissão de posse aconteceu em dezembro do mesmo ano por intermédio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. O Assentamento recebeu esse nome em homenagem ao Padre Frei Anastácio pelo apoio e também pela colaboração nas lutas das famílias. Possui economia baseada na agricultura familiar, onde o principal produto cultivado é o inhame; possui energia elétrica, poço artesiano; Associação comunitária. O Assentamento também possui uma escola de ensino Fundamental, a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Cosmo de Santana (EMEFJCS), compreendida de duas classes, uma do pré-escolar ao 2º ano e outra do 3º ao 5º ano.

2.5.4 A Chegada do Programa Arca das Letras no Assentamento

O Assentamento tomou conhecimento do Programa por meio da EMATER-PB atuante no município do Conde através dos Extensionistas Juscelino Correia de Araújo, Augusto Ferreira Neto e Ivanalda Dantas, que realizaram as reuniões de consulta à comunidade, articularam parcerias para a confecção do móvel, planejaram com o MDA a vinda do acervo e do instrutor da capacitação, e toda mobilização para a solenidade de entrega da Arca à comunidade. A Arca foi entregue em um evento organizado pela EMATER-PB, o MDA e a Prefeitura Municipal, que aconteceu em 11 de setembro de 2009, na Câmara de Vereadores do Município, (Fotos 01 e 02) onde participaram os moradores da comunidade, diretores de escolas, professores. Na ocasião foram entregues 8 arcas para 8 comunidades do Município do Conde-PB.

Foto 01 : Solenidade de entrega das Arcas das comunidades do município do Conde



Fonte: Iveralda Dantas, set. 2009

Foto 02: Solenidade de entrega das Arcas das comunidades do município do Conde



Fonte: Iveralda Dantas, set. 2009

Atualmente a Arca encontra-se na residência de um dos moradores do assentamento. O local é perto da escola, de fácil acesso para os demais moradores e o dono da casa apresenta boa receptividade para com os usuários (Foto 03). A Arca está em bom estado de conservação, aparentando apenas alguns arranhões,

cujos livros estão dispostos conforme a orientação e classificação por cores (Foto 04). Fica localizada na sala da residência do Agente que segundo ele, a casa é aberta toda hora.

Segundo o responsável atual pela Arca, o acervo da biblioteca é composto é por: *“47 livros para jovens (classificação laranja), 53 livros infantis (classificação branca); 2 revistas, 18 livros didáticos e de pesquisa (classificação verde), 42 livros técnicos (classificação azul), totalizando um acervo de 162 documentos”*.

Com relação ao registro de Usuários através do Livro de Registro de Usuários que nos foi disponibilizado pelo agente durante a visita, verificamos que: A biblioteca possui um cadastro de leitores com 31 usuários. Dos 31 usuários cadastrados, 23 cadastros têm menos de 05 empréstimos e 8 cadastros possuem mais de 05 empréstimos. Observando a data de nascimento de todos os 31 registros, observamos que todos são crianças ou adolescentes com menos de 15 anos, ou seja, os adultos não frequentam a Arca. O empréstimo mais antigo data de 11/12/2009 e o mais recente dos analisados data de 13/04/2012, o que evidencia a falta de interesse das crianças em pegar os livros da biblioteca rural.

A diferença dessas frequências apóia-se na hipótese das crianças serem mais curiosas, mais disponíveis; Os adultos por sua vez estão sempre atarefados com suas atividades rotineiras. Outro fator a se observar é a alfabetização, no campo muitos adultos são analfabetos funcionais ou analfabetos. Segundo Silva (1996, p. 37) Não resta dúvida que o analfabetismo é uma sólida barreira para o desenvolvimento da leitura no contexto brasileiro. O espaço ocupado pela televisão no cotidiano das pessoas também tem “roubado” o lugar da leitura. Silva (1996, p. 37) elucida harmoniosamente essa situação:

Dadas as condições do desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos que teve acesso à educação e, portanto, ao livro. A grande massa da população sem condições de estudar, sempre aderiu aos meios diretos de comunicação, que não exigem educação formal para sua recepção. Daí, talvez, o sucesso do rádio e da televisão no contexto brasileiro e na maioria dos países subdesenvolvidos.

Existe também a questão do preconceito e da resistência, cujo adulto da zona rural é mais avesso às novidades e às mudanças. A presença de uma biblioteca em alguns lugares onde nem energia existe, assusta.

É preciso que o Agente de Leitura seja constantemente capacitado e atualizado, para sensibilizar as pessoas e conscientizá-las da importância da leitura e do conhecimento, para tentar quebrar essas barreiras.

Foto 03: Indicação da residência que acolhe a Arca das Letras atualmente



Fonte: VILLAR, 2012. Arquivo pessoal.

Foto 04: A Arca na residência do Agente de Leitura



Fonte: VILLAR, 2012. Arquivo pessoal.

3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Para realizar o estudo utilizou-se os procedimentos metodológicos, baseados na metodologia de Carvalho (1998, p.63) que “[...] investiga fundamentalmente os métodos, ou seja, os procedimentos que a ciência deve seguir para alcançar com êxito seu ideal, que é a produção do saber”. Realizando a pesquisa exploratória que segundo Acevedo e Nohara (2007, p. 46) “ é proporcionar maior compreensão do fenômeno que está sendo investigado, permitindo assim que o pesquisador delinear de forma mais precisa o problema.” Para Figueiredo (2007, p 91) “pesquisas exploratórias “[...] geralmente proporcionam maior familiaridade com o problema, ou seja, têm o intuito de torná-lo explícito. Seu principal objetivo é o aprimoramento das ideias ou a descoberta de intuições”.

A natureza deste trabalho caracteriza-se como pesquisa de abordagem quantitativa, “método que se apropria da análise estatística para o tratamento dos dados” (FIGUEIREDO, 2007, p 93), realizada com a aplicação de questionários para traçar o perfil dos usuários do Programa Arca das Letras no Assentamento Frei Anastácio e a observação do Livro de Registro dos Usuários da biblioteca para verificar a quantidade de empréstimos, períodos e assiduidade. A abordagem qualitativa, segundo Strauss e Cobin (2008, p. 23) “[...] qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através dos procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação”, Para Richardson et al.(1999, p.90)

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

A abordagem qualitativa correrá através da realização de entrevistas com os Agentes de Leitura da Arca contida no Assentamento para verificar a prática de leitura dos/as usuários e agentes do programa.

3.1 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

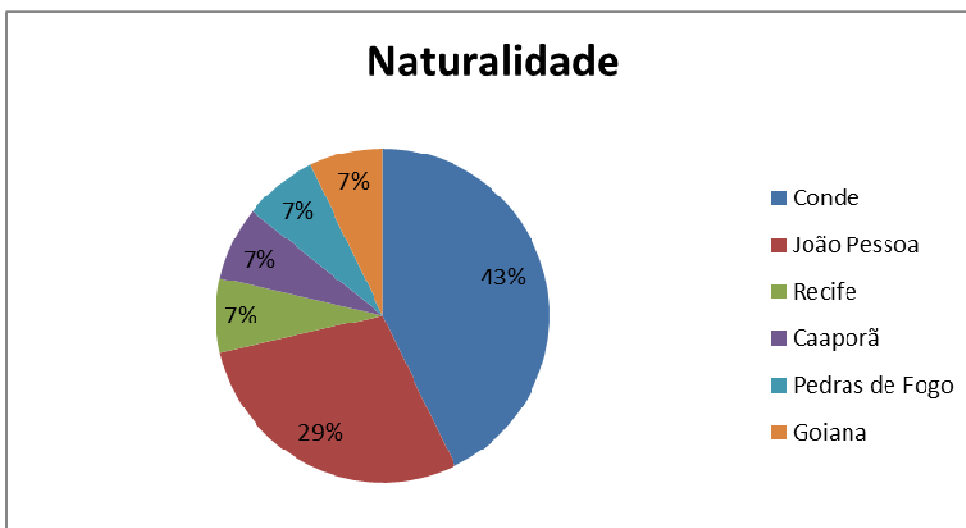
Chegando à comunidade foi feita uma caminhada para identificar as pessoas da comunidade que utilizam a biblioteca rural, abordamos algumas pessoas, mas

encontramos resistência para conversar, talvez por causa da timidez característica de alguns agricultores.

Baseados na informação fornecida pela a Agente, visitamos no horário da aula a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Cosmo de Santana (EMEFJCS), que possui 29 alunos matriculados, segundo a Secretaria Municipal de Educação, caracterizando, assim, nesse trabalho o universo da pesquisa. A escola contém duas classes multisseriadas, ou seja, uma turma do pré-escolar ao 2º ano e outra turma do 3ª ao 5º ano. Aplicamos um questionário (Apêndice A) contendo 15 perguntas fechadas e abertas à turma do 3º ao 5º ano que compreendia 14 alunos sendo: 6 alunos do 3º ano, 5 alunos do 4º ano e 3 alunos do 5º ano. A professora e a turma foram receptivos; com o apoio da professora fizemos a leitura das questões. À medida que íamos lendo, os alunos iam respondendo as questões referentes ao gosto pela leitura; a frequência de utilização da biblioteca; a satisfação com o local e com o acervo; a frequência em outras unidades de leitura; avaliação do Programa Arca das Letras e sugestões de melhoria.

Quanto à naturalidade dos usuários: 43% dos alunos são nascidos no próprio município do Conde; os 57% restantes são nascidos em outros municípios.

Gráfico 1 – Naturalidade

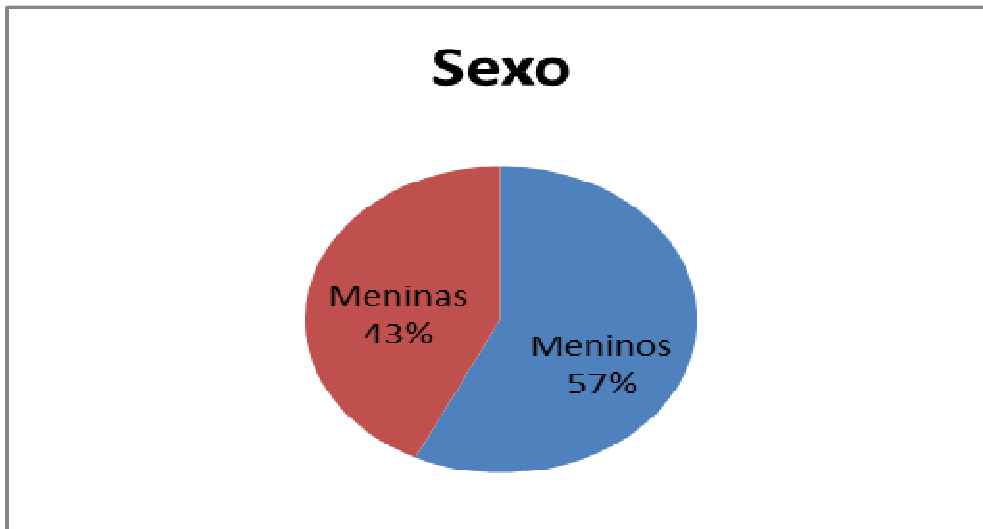


Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Observa-se com esse dado que o Assentamento é composto por famílias advindas de outros municípios, o que caracteriza a questão itinerante da vida dos militantes dos movimentos sociais pela reforma agrária

Quanto ao sexo dos usuários observamos que 8 são meninos e 6 são meninas totalizando 57% e 43%, respectivamente.

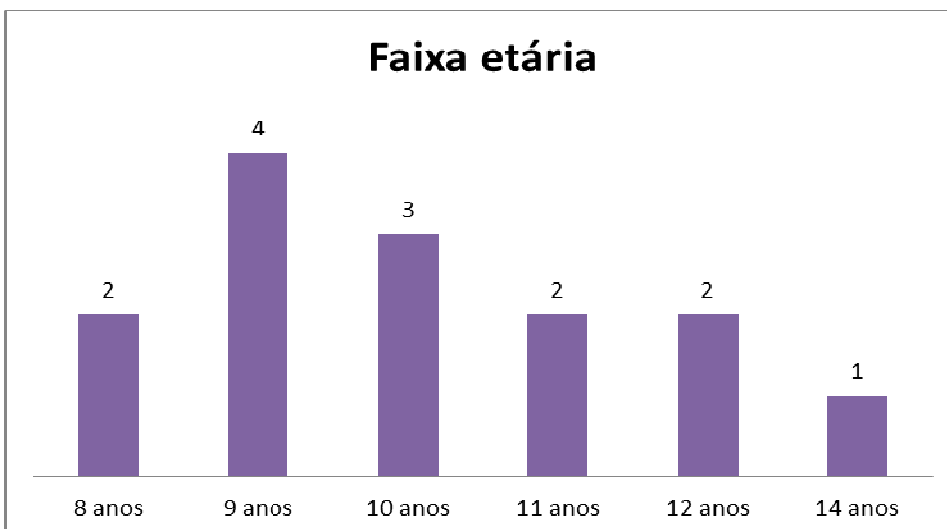
Gráfico 2 – Sexo.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012

A faixa etária dos alunos usuários da Arca na comunidade é compreendida entre 8 e 14 anos conforme Gráfico 3.

Gráfico 3 – Faixa etária dos usuários



Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Quando perguntados sobre o gosto pela leitura 13 crianças responderam que gostam de ler, o que representa 93% dos respondentes e apenas 1 aluno respondeu que não gosta de ler.

Quando perguntados se sempre gostaram de ler as respostas foram as seguintes:

Quadro 03: Gosto pela leitura

Gosto pela leitura e a constante desse interesse		
Você gosta de ler?		Sempre gostou? Por quê?
Aluno 1	sim	Não, era difícil
Aluno 2	sim	Sim, porque é muito legal
Aluno 3	sim	Sim
Aluno 4	não	Não, porque não gosto
Aluno 5	sim	Sim, porque é muito bom
Aluno 6	sim	Sim, porque é bom
Aluno 7	sim	Não, mas agora é bom
Aluno 8	sim	Não, porque eu não sabia ler
Aluno 9	sim	Sim
Aluno 10	sim	Sim
Aluno 11	sim	Não, porque eu não sabia direito
Aluno 12	sim	Sim
Aluno 13	sim	Sim
Aluno 14	sim	Sim, eu aprendi

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

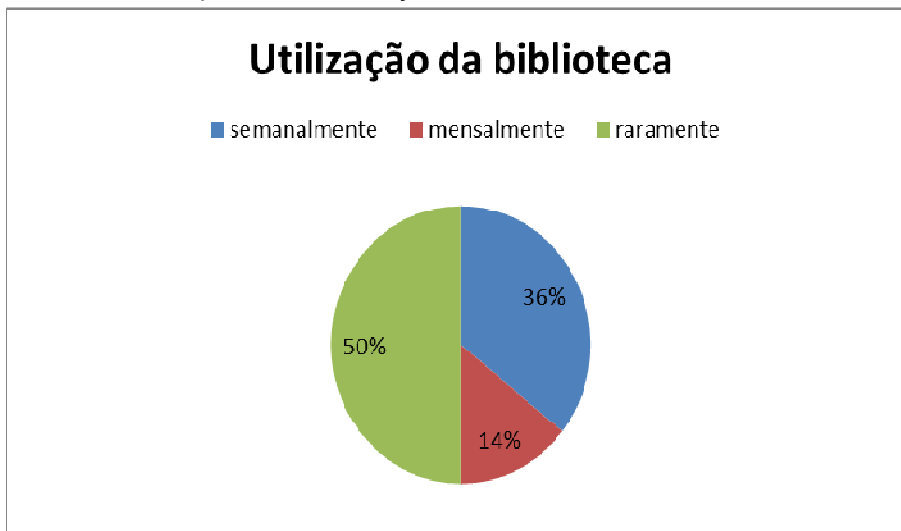
O gosto pela leitura pode ser iniciado através de exemplares que agucem a curiosidade, que despertem o interesse dos usuários para essas obras, para Magnani (1989, p. 44) “Seu gosto traz marcas do aprendizado de leitura a partir da exposição, desde a mais tenra idade, aos produtos da indústria cultural.”

Sobre a frequência com que utilizam a biblioteca Arca das Letras, apesar de 93% responderem que gostam de ler, observou-se que 50% dos alunos raramente utilizam a biblioteca. Esse dado desperta a dúvida sobre o porquê da frequência desses usuários à biblioteca estar sendo tão baixa se todos responderam que gostam de leitura. Observamos através das respostas a dificuldade da leitura no que revelam as falas: “era difícil” e “por que eu não sabia direito”. A falta de

compreensão do texto torna-se uma barreira para a leitura; compreender o que está escrito é um fator primário no ato de ler, Silva (1996, p. 45) confirma

Compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem – eis aí os propósitos fundamentais da leitura, que muito ultrapassam quaisquer aspectos utilitaristas, ou meramente “livrescos”, da comunicação leitor-texto.

Gráfico 4 – Frequência de utilização da biblioteca



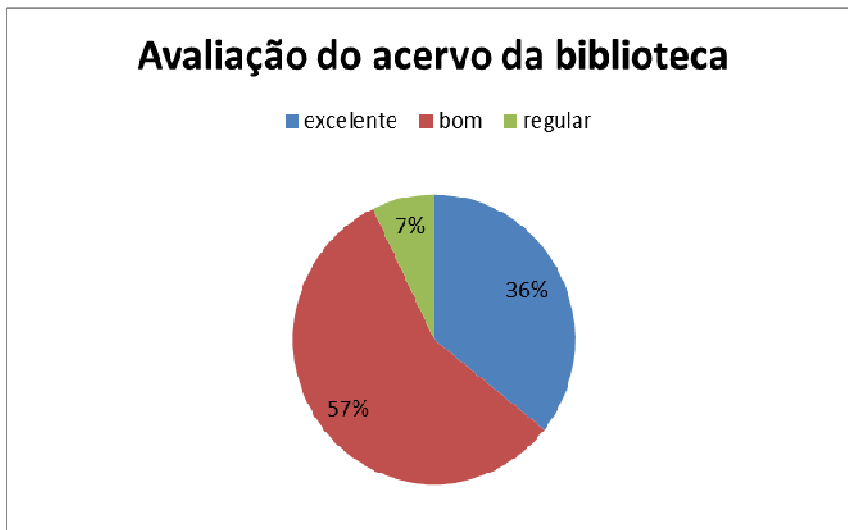
Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Foi perguntado aos alunos se eles frequentavam outras bibliotecas antes da biblioteca Arca das Letras e todos responderam que não frequentaram, o que indica a importância da Arca no incentivo à prática da leitura.

Quando perguntados sobre a finalidade das bibliotecas os alunos responderam que utilizam para o lazer e o estudo, no caso das tarefas escolares.

Sobre a satisfação com local em que a Arca se encontra, todos responderam que estão satisfeitos com o local.

Sobre a avaliação do acervo da biblioteca, 36% dos alunos responderam que é excelente, 57% dos alunos responderam que o acervo é bom e 7% responderam que é regular. Podemos observar que a avaliação do acervo feita pelos alunos é muito positiva.

Gráfico 5: Avaliação do acervo da biblioteca

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Quando perguntados sobre a utilização de outras bibliotecas, todos os alunos responderam que frequentavam a biblioteca itinerante “Livro em Roda”, uma biblioteca móvel que funciona na área rural do município de Conde e faz parte da Associação Educativa Livro em Roda (AELER). Nesse momento a professora informou que a escola tem parceria com o projeto Biblioteca Livro em Roda, o qual promove atividades de leitura. Relatou também que a escola realiza ações de incentivo à leitura com os alunos. No ano de 2011 foi feito um sarau poético e esse ano os alunos estão produzindo um livro de poesias.

Foi possível perceber que além da Biblioteca Arca das Letras, a biblioteca itinerante “Livro em Roda” e as atividades propostas pela educadora são atitudes de valorização da prática de leitura dessas crianças, constituindo canal importante de transformação da perspectiva de conhecimento delas.

Quando perguntados sobre a avaliação da biblioteca e sobre sugestões de melhoria para a biblioteca, as respostas foram as seguintes:

Quadro 04: Avaliação e sugestão de melhoria do programa

	Como vc avalia o programa Arca das Letras?	Quais suas sugestões para a melhoria da biblioteca e da prática de leitura?
Aluno 1	bom, ajudou a ler melhor	mais livros e uma pintura no móvel
Aluno 2	ajudou minha leitura	mais livros
Aluno 3	ajudou a ler mais	que tenha mais livros
Aluno 4	ajuda meu aprendizado	mais tipos de livros
Aluno 5	ajudou a saber das coisas	mais livros
Aluno 6	excelente, ajudou a minha leitura	precisa de uma pintura
Aluno 7	ajudou a aprender mais e a eu escrever melhor as letras	mais livros
Aluno 8	ajudou a minha leitura	outros livros
Aluno 9	ajudou a minha leitura	Pintar
Aluno 10	ajudou as matérias	comprar mais livros
Aluno 11	ajudou a aprender mais um pouquinho	outros livros
Aluno 12	ajudou a todo mundo	mais livros
Aluno 13	ajudou a minha leitura	mais livros
Aluno 14	ajudou a ler	ter mais livros

Fonte: Dados da pesquisa, 2012

Percebemos com essas respostas a necessidade de atualização do acervo, pois 86% dos alunos responderam como sugestão de melhoria da biblioteca a aquisição de novos exemplares. Os outros 14% responderam que a Arca necessita de “uma pintura”, ou seja, a boa estrutura física, um ambiente agradável, despertam o interesse dos alunos.

Analisamos através da pesquisa que as crianças gostam de ler, e têm a sua disposição uma biblioteca e incentivos à leitura por parte da escola e de outros programas de leitura, mas a frequência de leitura não condiz com as respostas positivas em relação ao ato de ler. Magnani (1989, p. 43 grifo nosso) aponta que “Para ser leitor é preciso, além de ser alfabetizado, ter tempo para ler, dinheiro para comprar livros ou bibliotecas de fácil acesso e com **acervo que interesse, e gostar de ler**”.

O fato de apenas crianças buscarem os livros da Arca como forma de lazer e instrução pode ser explicado por Martins (2006, p.52) A criança tende a ter maior disponibilidade que o adulto pelo simples fato de, em princípio, tudo lhe parece ser

novo e desconhecido e ela precisar conhecer o mais possível a fim de aprender a conviver com esse mundo.

O Agente de Leitura como mediador da informação e do conhecimento deve ter o compromisso de apresentar e estreitar a relação crianças/livros/leituras.

[...] é interprete de um mundo repleto de aventuras que permite à criança alargar as fronteiras do seu próprio mundo. Com o apoio do adulto, ela descobre que a leitura lhe permite viver experiências pouco comuns no seu cotidiano; a trama do texto permite lhe experimentar sentimentos de alegria, tristeza medo, angústia, encantamento. Com essas leituras a criança já começa a conceber o livro como uma possibilidade de trocas interpessoais. (BARBOSA, 1994, P. 136)

A escola também deve ser entusiasta do hábito da leitura, Martins (2006, p.25) afirma “[...] no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler a e escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros [...]”. A leitura deve ser trabalhada em todos os âmbitos: família, escola, biblioteca e sociedade.

3.1.2 Análise das entrevistas

A pesquisa qualitativa ocorreu através de entrevista contendo 20 perguntas abertas (Apêndice B) para dois Agentes de Leitura da comunidade: a agente que trabalhou na Arca, desde sua implantação, em 2009, até 2011, e o Agente de leitura que está trabalhando na Arca atualmente.

ENTREVISTA COM ANTÔNIA

A primeira entrevistada foi a Agente de Leitura, aqui denominada como Antônia, estudante de 23 anos, ensino médio completo, moradora da comunidade há 14 anos.

A entrevista teve início ao perguntar à estudante sobre o seu gosto pela leitura e a justificativa, obtendo como resposta:

“Gosto, porque faz bem pra mim. Porque acho que transporta a pessoa pra qualquer lugar que a pessoa quiser, pra qualquer época...”

Ao analisarmos a resposta observamos que para a estudante a leitura é algo libertador, transformador, que a faz interagir com a obra, ou o documento que está sendo lido. “A leitura foi muitas vezes comparada à alimentação.” (MORAIS, 1996, p. 13)

Quando perguntada sobre a frequência e a preferência de leitura, a estudante respondeu:

“Diariamente. Qualquer leitura, até rótulo de shampoo eu gosto de ler.”

A afirmativa da estudante que lê até “rótulo de shampoo” explicita o seu interesse pela leitura. “O prazer de ler ignora os preceitos de sabedoria ou de normalidade.” (MORAIS, 1996, p. 14)

Sobre a sua atuação como agente de leitura a estudante informou que não foi indicada, que a iniciativa de se tornar agente foi dela, segundo seu relato:

“Teve é minha iniciativa, assim... não falaram não, só que a arca vai vir, a menina até queria que eu ficasse, mas no começo assim eu não quis não, porque eu não gostava de muito de responsabilidade não, aí eu não quis, aí depois eu me interessei na época aí eu mesma me incentivei...”

Apesar das orientações do programa indicarem que o agente seja escolhido pela comunidade, o relato da agente evidencia que a indicação não está sendo seguida. A falta de tempo, a atribuição do trabalho, a ausência de treinamento, podem ser fatores que dificultam o interesse das pessoas em se responsabilizar pelo programa.

A estudante informou ainda que não teve nenhum treinamento para atuar como agente, pois na época da implantação da Arca não dispunha de tempo, que estava trabalhando “fora”, porém ela informou que talvez Maria, a primeira Agente de leitura tivesse recebido esse treinamento. Antônia respondeu ainda que sua atuação como agente alterou sim sua prática de leitura, e a forma que ela percebeu segundo sua fala é que ela leu quase todos os livros da Arca. O que nos faz perceber que ao ter esse acesso aos livros e outros documentos os sujeitos se interessam mais e adquirem o hábito da leitura.

Sobre as práticas de leitura promovidas pela biblioteca, a estudante relatou:

“Toda sexta eu vinha pro colégio ler com as crianças, aí lia e pedia pra eles escreverem quem sabia escrever, escrever alguma coisa da história ou desenhar.”

A estudante informou que teve reunião de consulta à comunidade sobre a implantação da biblioteca, algumas necessidades do acervo, porém, informou que não sabe como está composto o acervo atualmente, pois não tem mais contato com a arca.

Sobre o interesse dos usuários ela relatou: *“Depende. As meninas geralmente pedem mais poesia, mais romance. Os meninos procuram mais livros com fotos ilustrativas pra fazer trabalhos.”*

Sobre a gestão da biblioteca. Antônia falou que a comunidade não participa dessa gestão e que não há reunião para avaliar o funcionamento da biblioteca nem a prática de leitura da comunidade, evidenciando a necessidade de avaliação do programa para seu efetivo funcionamento e participação da comunidade envolvida.

Quando perguntamos sobre a avaliação da agente em relação à prática de leitura da comunidade antes e após a implantação da biblioteca, a estudante descreve:

“Assim, teve um pouco mais de interesse, algumas pessoas leram mais, porque antes não tinha livros, não tinha disponível,, teve até uma coisa interessante: que um aluno do colégio, acho que ele deve ter uns... não sei quantos anos ele tem... ele é pequeno, ele leu quase todos os livros, assim, livro infantil né, ele gosta muito de histórias, eu achava que ele pegava o livro mas não sabia ler, eu achava que ele pegava só pra olhar as figuras, aí eu comecei a perguntar a ele e ele me disse as coisas tudinho, aí eu percebi que ele sabia ler, e lia todas a história.”

Antônia falou ainda como sugestão de melhoria para a biblioteca e a prática de leitura: *“Acho que deveria ter livros novos, novas opções, e mais incentivo da pessoa que tivesse com a arca.”*

Observamos com as informações de Antônia que o acervo da Arca já está defasado, ou seja, todos os livros já são conhecidos da comunidade, não despertando desse modo o interesse dos usuários, como ficou explicitado nas sugestões dos alunos para a melhoria da biblioteca.

ENTREVISTA COM JOÃO

A segunda entrevista foi realizada com o agente de leitura, aqui denominado João, estudante, 16 anos, cursando o 1º ano do ensino médio, morador da comunidade desde que nasceu. Ao iniciar a entrevista e ser indagado sobre o seu gosto pela leitura e por que, o estudante respondeu:

“Gosto, porque sempre aprendo mais, quando eu tô lendo eu viajo né. Na verdade o primeiro livro que eu li, que eu me apaixonei mesmo foi um livro de 300 páginas.”

Através da fala do estudante observamos o quão é apaixonante a leitura. A leitura proporciona prazeres múltiplos (MORAIS 1996, p. 12)

Sobre a frequência e o tipo de leitura o estudante falou que a prática de leitura varia conforme a demanda dos estudos, e o tipo de leitura preferido é a literatura, aventura e terror.

Sobre a atuação do estudante como agente, quando perguntado se a indicação para agente foi iniciativa dele ou da comunidade, ele relatou:

“Teve minha iniciativa, porque tinha vindo na verdade pra minha irmã, mas ela foi embora...”

Nesse sentido entendemos a opção de ser agente não foi pela iniciativa do estudante, mas uma ocasião “casual”, e mais uma vez constatou-se que o agente não teve treinamento para cuidar da Arca.

Sobre a sua presença no projeto em relação à prática de leitura João informou que depois da chegada da arca: *“...a vontade de ler aumentou, já li boa parte desses livros que tão aqui.”*

No tocante à prática de leitura promovida pela biblioteca, João relatou que quando uma criança acessa a Arca, ele solicita que a mesma leia a obra para ele, ou então ele se disponibiliza a realizar a leitura para a criança. O relato aponta que o agente estimula a leitura dos usuários da biblioteca,, através da contação de histórias, que segundo RAMOS (2011,) “[...] e uma arte milenar que evoluiu e pode ser utilizada como uma estratégia eficiente para a formação de leitores.

Ainda sobre o acervo ele não soube informar se a comunidade foi consultada sobre o mesmo, mas afirmou que não há reuniões, na comunidade, para avaliar o funcionamento da biblioteca e a prática de leitura. Relatou também que não

participa da gestão da biblioteca. Na percepção do agente, a prática de leitura da comunidade antes e após a implantação da biblioteca: *“Melhorou, mas foi pouco.”*.

Em nossa percepção, o fato do agente ter se responsabilizado pelo programa quando o mesmo já possuía dois anos de funcionamento, e a maior parte dos livros já terem sido lidos pela comunidade, sem renovação dos mesmos, pode explicar o relato do mesmo sobre a pouca relevância da prática de leitura, como pode ser:

“Mais livros, pois algumas pessoas não procuram mais a arca por que não têm livros novos. Mais livros de ação também”

4 CONSIDERAÇÕES

Esse trabalho buscou refletir sobre o funcionamento do Programa Arca das Letras no Assentamento Frei Anastácio, sobre o desempenho do mesmo como mecanismo de incentivo à leitura no campo, bem como a ponto de vista dos/as agentes de leitura e dos/as usuários/as sobre a leitura.

Sobre o funcionamento do Programa Arca das Letras no assentamento observamos que o programa teve início na comunidade em 2009 para beneficiar todos os moradores da comunidade, mas os dados coletados no livro de registro, evidenciam que apenas as crianças estão frequentando a biblioteca, não existe registro de adultos. O que podemos concluir através da análise é que as crianças mostram-se mais curiosas, receptivas e disponíveis, o que transforma essas características em elementos favoráveis a leitura. A leitura que fazemos sobre a situação da não participação dos adultos na biblioteca é a falta de tempo, os afazeres rotineiros com a lavoura ocupam grande parte do dia. Uma biblioteca na comunidade para muitos é uma novidade, um avanço, principalmente pela precariedade de alguns recantos.

Verificamos que a frequência de utilização da biblioteca tem sido muito reduzida devido à falta de atualização do acervo, ou seja, os livros são os mesmos desde a chegada da Arca, desestimulando a procura das crianças pelo programa. Destacamos que a arca já teve três Agentes de Leitura, a primeira agente permaneceu pouco tempo com a Arca, os outros dois agentes não receberam treinamento para atuar na biblioteca, porém promoveram algumas ações de leitura durante suas atuações, por conta própria. Constatamos que o monitoramento e o acompanhamento do programa não está acontecendo, deve-se observar de quem é a responsabilidade pela avaliação e monitoramento dessa biblioteca para que a prática de leitura e o desenvolvimento dessas crianças não seja prejudicado. Depois que foi implantada, a Arca não recebeu novos livros, o que desestimula a leitura dos usuários. Outro ponto observado foi a falta de capacitação e atualização dos agentes de leitura. Todos esses argumentos comprometem desfavoravelmente para a boa atuação da Arca. Os Agentes observaram que houve mudanças na prática de leitura dos usuários, que passaram a ler mais, mas a frequência conforme dito diminuiu provavelmente pelos aspectos já mencionados. Por outro lado observamos a falta de socialização dos serviços da biblioteca rural bem como o estímulo maior

do Agente de leitura em animar a comunidade a participar e utilizar a arca. Talvez promovendo mais atividades que incluam leitura, como: contação de história, recital de poemas ou repentes, exposições de cordéis (que podem ser feitos pelos próprios moradores) atraia a atenção dos moradores para que se sintam motivados a participar e praticar a leitura.

Arca trouxe mudanças no desenvolvimento sociocultural da comunidade, uma vez que aumentou a prática de leitura dos usuários, mas precisa de acompanhamento, monitoramento e avaliação para potencializar a participação e a prática de leitura de crianças e adultos. É preciso que o Agente de Leitura seja constantemente capacitado e atualizado, para sensibilizar as pessoas e conscientizá-las da importância da leitura e do conhecimento.

Através das entrevistas, questionários e observações feitas no Assentamento, percebemos que os sujeitos desses espaços confirmam a ruralidade do Brasil, que o acesso à leitura existe, porém, deve ser ampliado e renovado através de novos documentos para atualização do acervo da biblioteca, que o programa deve ter um monitoramento e uma avaliação mais precisa por parte dos órgãos e instituições responsáveis pelo programa e que a prática de leitura seja estimulada tanto pelas bibliotecas rurais e itinerantes que atendem esses usuários quanto pela escola através das suas educadoras.

A biblioteca existe e está à disposição das crianças, porém, o acervo já é conhecido, não está havendo interesse das crianças, elas estão preferindo outras atividades à leitura. Uma solução para esse problema seria a renovação do acervo por parte do MDA ou uma campanha de arrecadação de doações de livros feita pela comunidade no município.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Juliana Jordan. **Monografia no curso de administração: guia completo de conteúdo e forma**. São Paulo: Atlas, 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Ed. UEL, 1997.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

BASTOS, Gustavo Grandini. ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Sentidos de leitura em bibliotecas nomeadas alternativas. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 1-9, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/4900/3705>> Acesso em: 23 mai. 2012.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964**. Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm>. Acesso em: 25 out. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e bases da educação**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Relatório Final da 1ª Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (Olinda/PE, 25-28 junho de 2008). Por um Brasil Rural com gente**. Brasília, 2008.

CARVALHO, Horácio Martins de. Política Compensatória de Assentamentos Rurais como Negação da Reforma Agrária. **Revista NERA** – ano 7, n. 5 – Ago./Dez., 2004.

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). **Construindo o Saber – Metodologia Científica: Fundamentos e Técnicas**. Campinas: Papirus, 1998.

DIEESE. **Estatísticas do meio rural 2010-2011**. São Paulo: DIEESE; NEAD; MDA, 2011.

EMPRESA de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba. **Levantamento quantitativo de casas de taipa existentes na zona rural do Estado da Paraíba**. (relatório) João Pessoa, 2011.

FERNANDES, B.M. **Questão Agrária, Pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de (Org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis, 2007.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GUIMARÃES, Juliana Carneiro. RIBEIRO, Dinalva Donizete. Assentamentos de Reforma Agrária: cotidiano e políticas públicas. IV **Encontro da Rede de Estudos Rurais.** 2010. Disponível em:
<<http://www.redesrurais.org.br/sites/default/files/Assentamentos%20de%20Reforma%20Agr%C3%A1ria%20Cotidiano%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABli.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2012.

INSTITUTO Pró-Livro. **Retratos da Leitura no Brasil.** 3ª edição. Disponível em:
<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortetti. **Leitura, literatura e escola:** sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MICHELOTTI, Fernando. et al. O AGRÁRIO EM QUESTÃO: UMA LEITURA SOBRE A CRIAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS RURAIS NO SUDESTE DO PARÁ. **Revista UFPA,** Belém, 201?. Disponível em:
<http://www.ufpa.br/campusmaraba/index/cache/publicacoes/fernando_michelotti_fc_am_3.pdf>. Acesso em: 14 out. 2012.

MORAIS, José. **A arte de ler.** São Paulo: UNESP, 1996.

OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da informação e Biblioteconomia:** novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

OLIVEIRA, Mauro Márcio. **Pequenos agricultores e reforma agrária, no Brasil: perspectivas e dilemas numa quadra de mudanças.** Brasília: [s.n.], 1997.

PERUCHI, Ivanilde Minzon. GOMES, Janaína Prado. CEZAR, Marcela. **A importância da leitura.** Ubatuba-PR, 2007. Disponível em:
<http://faculdadesdombosco.edu.br/v2.1/documentos/monografia_marcela.pdf>
Acesso em 14 out. 2012.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A questão agrária no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

RAMOS, Ana Claudia. **Contaçõ de histórias:** um caminho para a formação de leitores? 2011. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina, 2011.

REIS, Douglas Sathler dos. **O Rural e Urbano no Brasil**. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu-MG – Brasil, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, José Graziano da (et al.). **Diretrizes de Políticas Públicas para o Novo Rural Brasileiro: Incorporando a Noção de Desenvolvimento Local**. Campinas: Instituto de Economia, 1998.

SILVA, Severino Bezerra da. Educação do campo para os assentamentos e acampamentos rurais. In IV Encontro da Rede de Estudos Rurais, 2010, Curitiba. **Anais** do IV Encontro da Rede de Estudos Rurais: Mundo rural, políticas públicas e atores em reconhecimento político. Curitiba, 2010: Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFPR, 2010. Disponível em: <http://www.redesrurais.org.br/sites/default/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20campo%20para%20os%20assentamentos%20e%20acampamentos%20rurai.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2012.

SPAROVEK, Gerd (Org.). **Crédito Fundiário e qualidade de vida no campo**. Brasília: MDA/NEAD, 2005. Disponível em: http://portal.mda.gov.br/portal/sra/arquivos/view/publicaes/Credito_Fundiario_e_Qualidade_de_Vida_no_Campo_2003.pdf. Acesso em; 2 mai. 2012.

STRAUSS, Anselm. CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAYLGR, Mitsiw. Serviços bibliotecários às áreas rurais do Estado de Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 18, n. 3/4, p. 27-38, dez. 1985.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: **¿Una nueva ruralidad en América Latina?**. Buenos Aires: CLACSO, 2001. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2012.

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos, usuários da Biblioteca Arca das Letras, no assentamento Frei Anastácio, município do Conde-PB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

Solicitamos a sua colaboração, no sentido de responder ao questionário abaixo, sobre a biblioteca rural “Arca das Letras”. Os dados coletados servirão para análise do Programa na comunidade através do Trabalho de Conclusão de Curso da Aluna do Curso de Biblioteconomia/UFPB. Não é necessário identificar-se. Os dados serão utilizados apenas para fins acadêmicos.

I Dados de Identificação:

1) Naturalidade: _____

2) Sexo: () feminino () masculino

3) Idade? _____

4) Grau de escolaridade:
() Ensino Fundamental
() Ensino Médio

II Perfil dos usuários

5) Você gosta de ler?
() sim
() não

6) Sempre gostou?
() Sim
() Não
Por que? _____

7) Qual a frequência com que utiliza a biblioteca Arca das Letras?
() diariamente
() semanalmente
() mensalmente
() raramente

8) Você frequentava outra biblioteca antes da instalação da Arca?

() Sim

() Não

9) Com que finalidade utiliza a biblioteca?

(Pode escolher mais de uma resposta).

() estudo

() lazer

() leitura informativa

() leitura técnica

() outros/especifique _____

III – Sobre a Biblioteca Arca das Letras

10) Você está satisfeito(a) com o local da biblioteca?

() sim

() não. Sugestão de local: _____

11) Qual a sua avaliação sobre o acervo da biblioteca:

() Excelente

() Ótimo

() Bom

() Regular

() Péssimo

12) Frequenta outra biblioteca no município?

() sim

() não

13) Se frequenta, qual?

() escola

() biblioteca pública

() outros/especifique _____

14) Como vc avalia o programa Arca das Letras?

15) Quais suas sugestões para a melhoria da biblioteca e da prática de leitura?

Obrigada pela cooperação!

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista aplicado aos Agentes de Leitura da Biblioteca Arca das Letras, no assentamento Frei Anastácio, município do Conde-PB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

Solicitamos a sua colaboração, no sentido de responder as perguntas abaixo, sobre a biblioteca rural “Arca das Letras”. Os dados coletados servirão para análise do Programa na comunidade através do Trabalho de Conclusão de Curso da Aluna do Curso de Biblioteconomia/UFPB. Não é necessário identificar-se. Os dados serão utilizados apenas para fins acadêmicos.

PERFIL

1. Idade:
2. Escolaridade:
3. Formação:
5. Morador/a há quanto tempo na comunidade?
6. Principal atividade? Qual ocupação?
7. Você gosta de ler? Por que?
8. Qual sua frequência de leitura? Qual o tipo de leitura mais lhe agrada? (Informativa, literatura, educativa etc)

ATUAÇÃO COMO AGENTE DE LEITURA

9. A sua escolha foi indicada pela comunidade ou teve sua iniciativa?
10. Você teve algum treinamento? Qual a periodicidade do mesmo?
11. A atuação no projeto alterou sua prática de leitura? De que forma?
12. Quais as práticas de leitura promovidas pela biblioteca?

PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

13. Teve reunião de consulta na comunidade sobre a implantação da biblioteca?
14. Como é composto o acervo da biblioteca?
15. A comunidade foi consultada sobre o acervo da biblioteca? Como?
16. Qual o interesse dos/as usuários/as em relação ao acervo?
17. É realizada reunião com a comunidade para avaliar o funcionamento da biblioteca e da prática de leitura?
18. A comunidade participa da gestão da biblioteca? De forma?
19. Como você avalia a prática de leitura da comunidade antes e após a implantação da biblioteca?
20. Quais suas sugestões para a melhoria da biblioteca e a prática de leitura?